

OSÓRIO E A POLITICA

"Eu admiro o General Osório, ainda mais como político do que como General". — *Dr. Martinho de Campos*.

"Desde essa época, sintomas graves de indisciplina foram se reproduzindo e generalizando. Acalmaram sob o ministério de Sinimbu em 1878 e 1879, graças ao prestígio do legendário Osório, mas ele, o intemerato e avisado, bem os sentia latentes, advertindo ser arriscado desprezá-los".

(Visconde de Ouro Preto — Ad. da Dict. Mil. no Brasil).

Pelo Cel. J. B. MAGALHÃES

PREAMBULO

A matéria d'este artigo é ainda um capítulo de um livro que comemos sobre Osório, um dos maiores vultos do nosso passado monárquico. (*)

Foi ele, ao que supomos, uma das personagens mais dignas de serem profundamente estudadas, no quadro da formação histórica brasileira, dadas as peculiaríssimas condições em que decorreu a sua existência e as qualidades superiormente humanas, que revelou sob todos os pontos de vista: físico, intelectual e moral. Olhado como homem, como militar e como político, Osório é um tipo de escola do mais elevado quilate, cujo explendor mais nos admira se o sabermos r nos cenários de sua época, vivendo no seu ambiente.

Não pretendemos, no livro de que vamos dar a conhecer uma passagem, haver esgotado o assunto. Sabíamos de antemão que nos faltava competência para isto. Mas nos empolgou a magnificiência da matéria e nos sustentou a ousadia, a idéia de despertar o interesse de quem abalizado que o fizesse.

Em artigo publicado no Jornal do Comércio, no último domingo de maio, procuramos estabelecer uma sintética apreciação d'esse vulto inígnime da monarquia, divulgando do mesmo passo uma coleta de documentos seus, por onde se vê a imensa cultura que pode adquirir um homem de poucas letras.

(*) Vér os números 375 e outros — de 1945.

O êxito obtido por esta primeira antecipação da nosso estudo animou-nos a divulgar pelo mesmo órgão de publicidade e por esta revista outras passagens do referido livro, entre as quais uma espécie de paralelo entre Osório e Caxias. Hoje tomamos por tema, o sedutor aspecto que a tanta discussão tem dado logar: — a política.

Ao iniciarmos, permitir, leitor, fazer-vos um pedido. Ao ler-nos, deveis abstrair o individuo que vos fala e projetar os fatos que forem mencionados nos quadros do passado, da época em que nosso herói pensou, sentiu e agiu, com seus peculiares matizes: político, social e económico.

É projetado nesse fundo de quadro que deve ser visto o nosso herói, jamais, porém, sem risco de erro ou de insuficiência, poderemos deixar de apreciá-lo em bloco, sem que se pretenda vê-lo despojado de sua qualidade de militar ou isolado de seu feitio de homem, pois, principalmente o que há nele mais a admirar é ter sido político e militar, simultâneamente e distintamente, mas, principalmente um homem de seu tempo, cuja norma de conduta era ditada por um patriotismo profundo, sem nuances, nem miáculas.

Na família, na política ou na milícia, o que se deve vêr em Osório, antes de mais nada, é o homem, revelando, por suas atitudes e procedimentos, excelsas características de peregrina inteligência, coragem sem destempéro, bondade sem fraquezas, persistência tenacíssima, desambiguação de tudo que em outros estimulam a vaidade e o orgulho, ou o mero espírito de cobiça, e, notadamente, esse amor da pátria que não regateia sacrifícios, o qual, vencendo sua modéstia, o obriga a aceitar posições destacadas que as circunstâncias lhe vão impondo.

Isto posto, começaremos por lembrar-vos a opinião do Dr. Martinho Campos, o ativo político mineiro a seu respeito. Para ele, Osório era político maior do que fôra general.

Bem pode ter razão, o velho liberal mineiro.

Osório era mais uma vocação política do que militar, ousamos dizer-lhe, por estranho que possa parecer uma tal afirmativa a respeito de quem tanto se distinguiu no conhecimento da guerra e na ação nos campos de batalha. Entrou para a carreira das armas para satisfazer a vontade paterna, mas na política penetrou espontâneamente.

A causa da independência entusiasmou-o e foi ela que lhe deu o sentido profundo da profissão militar, desde o momento em que jurou defender a Pátria, com as armas na mão.

Sem esse sentido profundo do dever patriótico talvez houvesse sido ele um mau soldado. Admitindo-o, desde seus verdes anos, guiar-se-á por ele durante toda a sua carreira, tanto militar como política. Também nesta, como na da sarmas, o que mais lhe importa é a fi-

idade geral, o bem da Pátria, obtido pelo progresso dentro da ordem, num ambiente de liberdade e verdade.

Compreendendo assim o papel das armas e o da política, realiza milagre de poder exercer uma e outra função, a militar e a política, e confundi-las jamais, sem servir-se de uma para atuar na outra. Afunde-as de fato, em sua finalidade máxima, mas separa-as na indicação dos meios que a uma e outra são próprios. Isto pode obtê-lo milagre pôde realizá-lo, apresentando talvez o caso único da nossa história, que a esse respeito se conhece. É o fruto apenas de sua ureza de escôl, dotada de grande inteligência e de grande coração, excepcional equilíbrio, e com caráter forte. Inteligência, bondade, coragem, firmeza, tenacidade, modéstia, desinteresse, dedicação esambião, tudo resume no conjunto feliz de sua marcante personalidade.

De resto, não foi Osório *militar político* por exceção. Quase todos generais, na Monarquia, eram políticos, a começar por Caxias, *espada do partido conservador*, não obstante Cotegipe, um dos chefes desse partido, ter confessado horror às espadas políticas. O amante de todo o Brasil na época em que Osório e Caxias viveram era criado predominantemente pelos problemas políticos da organização nacional, análogamente ao que ocorria com os países vizinhos, onde soluções exigiam freqüentemente o recurso da força.

Em nenhuma outra parte, porém, tais características da época se acentuavam que no Rio Grande do Sul. Ai, no dizer do General Tibúrcio, então Tenente-Coronel, era "quase impossível deixar de fazer política; os antecedentes da Província; a índole da gente; tudo convidava".

Na carreira política, como na militar, o êxito de Osório foi considerável, enorme, e parece resultar principalmente — é curioso considerar — de seu desinteresse pelas posições, por ver suas idéias predominarem, movimentadas pelos outros. Compraz-se com isto. Compreende-se em escolher entre os seus concidadãos aqueles que serão, ou podem ser, capazes disso, e os ajuda a subir. Algumas vezes errou a escolha. Não muitas. Mas jamais desanimou porque sabia que os homens são assim mesmo... Mas o prestígio crescente de sua personalidade, dando-lhe cada vez maiores responsabilidades, acabou impôr-lhe posição do maior destaque e, acertadamente, se a morte o houvesse colhido nesse momento, é bem possível que ainda mais ouvesse elevado no cenário político nacional. E nesse caso, como nos anteriores, sem que disputasse para si a posição de relevo.

Osório militou na corrente mais avançada da política monárquica liberal, mas, espírito objetivo e prático, sem nenhuma ânsia de glória e sempre pessoalmente desambicioso, nada vaidoso, jamais deixou levar pela exaltação dos seus próprios ideais e tendências

como soube também evitar sempre a impureza das misturas e combinações adrede arranjadas mais para a satisfação de fins pessoais momentâneos, que para a satisfação de interesses gerais duradouros.

A CARREIRA

Ingressou nas organizações políticas do país, muito jovem ainda. Tenente, de 23 anos de idade, "nos intervalos de suas expedições fronteiriças, filiou-se em Rio Pardo ao partido liberal constitucionalista, cujos paradigmas eram o Senador Vergueiro e Evaristo da Veiga". Filiou-se, portanto, à corrente que no Rio de Janeiro fundara Evaristo da Veiga, visando salvar os frutos da revolução de 7 de abril de 1831, que firmava a nossa independência e evitava os excessos que levavam prematuramente até à República. Era a corrente prudentemente progressista e amiga de métodos moderados. Osório inscreveu-se na Associação Defensora da Independência. Mostrou-se fiel a essas idéias toda a sua vida.

Que atividades desenvolveu depois?

Inicialmente não são visíveis os sinais dessa atividade. Aparecem, porém, cerca de cinco anos depois.

É, então, o longo e difícil período da Revolução Farroupilha. A presidência da Província estava em mãos de *retrógrados*, o partido feito no absolutismo e que aspirava por sua volta. As atividades da opinião liberal conseguiram que essa presidência viesse ter às mãos de um deles, o Dr. Fernandes Braga, irmão do Juiz de Direito Pedro Chaves, liberal de certa influência. Ao princípio tudo foi bem, mas ao cabo de algum tempo, cerca de um ano, desgostam-se os liberais porque Fernandes Braga, sob o pretexto de conciliação, praticamente faz-se protetor dos retrógrados. Forma-se oposição e irrompe a luta violenta. De reação em reação, chegam aos extremos dos insultos, das intrigas, das catinas, dos personalismos opressores. É então que os liberais se levantam e depõem Fernandes Braga. Irrompe a Revolução Farroupilha, nome derivado de um dos insultos com que os retrógrados fustigavam os seus contrários: *farroupilhas*, pobretões, anarquistas, etc..

Osório, sem hesitar, entra na *revolução liberal*, para a deposição de Fernandes Braga. Mas esta, uma vez sancionada pelo Governo Imperial, que substitui o presidente deposto por Araújo Ribeiro para Osório está terminada, pelo que não hesita em ficar ao lado do novo presidente, sob as ordens de Bento Manuel, que assumira o Comando das Armas.

Mas a revolução continuava. O procedimento conciliador de Araújo Ribeiro também levantaria suspeitas entre os mais exaltados, dos quais alguns queriam ir logo até a república. De resto, a Assem-

Provincial de Pôrto Alegre, negando-se a dar posse a Araújo Ribeiro, agravara a situação, indo este efetivar-se no cargo de presidente perante a Câmara Municipal da cidade do Rio Grande. Criada tal situação, Araújo Ribeiro precisava conquistar as opiniões da província. Pede para isto a Bento Manuel, seu amigo, que o aconselha sobre as pessoas a quem se dirigir. Na lista dos influentes da província, Bento Manoel inclui o nome do Tenente Manoel Luiz Osório.

Araújo Ribeiro extranha: "Este Tenente é influência também"? responde Bento Manuel, bom conhecedor dos homens e do seu tempo — e será a maior de todas se não morrer. Não se esqueça, V. Ex. de lhe escrever".

Conhecia os homens e a Província... No entanto, quando a ação Araújo Ribeiro começa a dar frutos, o Governo Imperial o substitui. A inépcia volta a dominar no Governo da Província. A revolução recrudescerá. Faz-se francamente republicana, até separatista, se o fosse necessário para vencer.

Osório, a partir desse momento, está definitivamente separado

Por que?

Di-lo, de uma feita, em carta ao Chefe Farroupilha, Crescencio Carvalho: "Caro patrício e amigo. Eu sou republicano de coração, ém, o estado presente de nossa Pátria, a falta de luzes que nela existe, fazem-me agir ao contrário do que visto e por me parecer que estamos preparados para tal forma de governo". (1836).

E tinha razão. Aterrava-o o fantasma do caudilhismo, é a pouca convicção política de certos homens... Bastaria para justificar o exemplo de Bento Manuel. Substituído Araújo Ribeiro, éle, nem de valor mas muito pessoal, é desprestigiado, injustiçado, humilhado. E isto não é bastante para que se passe para os revolucionários, dando um bom exemplo de procedimento caudilhesco?

Osório, porém, não o acompanha embora também sofra injustiças. É que não serve a homens, serve a causas. Nada pode perturbar-lhe o proceder.

Nos dez anos dessa luta que devasta as belas terras do Sul, o seu prestígio cresce sempre, por seu proceder militar intemerato, reto e honesto. Com isto adquire renome de bravura, de perícia e valor, tendo amigos por toda parte.

Terminada a luta, Osório é na sua terra uma força eleitoral incontestável.

Caxias, que mandara proceder a eleições gerais para a Assembleia Provincial, à Câmara de Deputados e para uma vaga de Senador, da a guerra, em 1845, escreve a Osório, podendo-lhe seu apoio à sua candidatura para Senador, pela Província; não faz chapas, mas

indica suas preferências para os outros casos. Depois conclui: "Vem para Bagé e cabale forte, e deixe o mais por minha conta. Os soldados não votam para que se não diga que eu quero impor uma eleição Provincia, mas os cabos, oficiais, etc., não deixam de fazer número".

Tudo correu a contento e a situação político-administrativa da Provincia normalizou-se. Osório fôra eleito para a Assembléia Provincial, mas não compareceu às sessões, dedicando-se aos seus deveres militares, e tão bem que o seu regimento era tido como a melhor tropa da província.

Em 1894 há novamente eleições para deputados gerais, mas dessa vez Osório recusa a ser candidato. Julga-se incompetente, sem cultura para isto, e o diz francamente, sem nenhum constrangimento. No entanto, não foge em dar, aos que lhe pedem, indicações sobre as necessidades da Provincia, por que mais devem bater-se. Nem foge de se interessar pelo pleito e de exercer tal influência no eleitorado que até Pedro Chaves, seu desafeto, agora aparentemente voltado às boas, pede-lhe o apoio para certos candidatos por quem se interessava. A recusa de Osório fundamenta-se numa razão que merece ser posta em foco: — não confia na sua sinceridade. E tinha razão.

Em 1852 é o Barão de Pôrto Alegre quem lhe pede o apoio para sua candidatura à senatoria, que decidira apresentar por conselho da insistência de Caxias. A situação era difícil porque o intrigante Pedro Chaves, enquanto os militares batiam-se em Caseros, tramara na Corte para se apoderar da presidência da Provincia. Não conseguiu esta, mas fez guerra a Caxias e chegou até a tentar difamá-lo. Candidatou-se porém à senatoria. Para assegurar-se da vitória e impedir o êxito de Pôrto Alegre (e do Dr. Belo para Deputado Geral), porque temia que o Imperador escolhesse Pôrto Alegre, dado o prestígio que adquirira na campanha contra Rosas e porque sabia da proteção que lhe dava Caxias, fez liga para a luta eleitoral com outro chefe político, o Dr. Barcelos, de quem fôra adversário até os insultos. Desde que teve conhecimento desta combinação de caráter meramente pessoal para fazer guerra a Pôrto Alegre, de quem os riograndenses estavam orgulhosos por seus feitos e a ação que exercia no Comando das Armas e ao Dr. Belo, Vice-Presidente em exercício, cuja administração também agradava, Osório decidiu-se firmamente contra a liga e logo começou a trabalhar.

O Barão de Pôrto Alegre pede-lhe o apoio e o dos seus amigos "para não ser derrotado, o que seria uma vergonha e entriga-se nas suas mãos. Mas lembra-lhe que o Pedro Chaves é muito ativo e que é preciso exceder-lhe, afim de mostrarmos que ele não é tão senhor, como se supõe, desta Provincia. Oliveira Belo, também escreve-lhe com toda franqueza. Depois de dizer que Pedro Chaves, despeitado por não ter conseguido a nomeação para Presidente da Provincia e por

ter Belo a candidatura do Barão de Pôrto Alegre à senatoria, ou de sujeitá-lo aos seus caprichos, *ligou-se aos adversários que* *ava na véspera*, pede todo o empenho para a candidatura do . Assim se dirigiram a Osório, simples Comandante de Regi- num guarnição da fronteira, o Vice-Presidente da Província ercio, Oliveira Belo, e o Comandante das Armas, Marques de

diligente e inteligente Osório empenhou-se a fundo nessa cam- eleitoral, como se vê dos agradecimentos que ao ter notícia do trabalho, vai-lhe mandando o Barão. Assim, tanto este, como Oliveira Belo, foram eleitos para formação da lista tríplice e para a Cá- mos Deputados. A *liga para a guerra pessoal* fôrça vencida.

odavia Pedro Chaves ganhou. Apezar do muito empenho de por Pôrto Alegre — a quem *aconselhara que se apresentasse* *ato que o resto ficaria por sua conta* — o Imperador escolheu senador Pedro Chaves, o menos votado da *lista tríplice*, votos tivera, conforme proclamou Cansanção de Sinimbú, na Câmara deputados em 16 de julho de 1855, a pêso de ouro! or que então fôrça escolhido Pedro Chaves?

Os contemporâneos do fato, narra o Dr. Fernando Osório, em *história do General Osório*, o explicavam dizendo que a idéia do or foi colocar Pedro Chaves na vitaliciedade do Senado, no Janeiro, para retirá-lo da Província do Rio Grande e acabar sua perniciosa influência, que tanto provocava discórdia".

singular maneira de ser *moderador!* Tanto mais singular quanto, isso, ainda lhe deu o título de *Barão de Quaraim!* Mais singular maneira de exercer esse poder, quando refletimos que tudo a feito em oposição ao Barão de Pôrto Alegre, ao Dr. Belo, a a Caxias!...

or ocasião dessas eleições foi nomeado Presidente da Província João Luiz Vieira Cansanção de Sinimbú, que ainda chegou a de presidir a execução do segundo turno, o que dá maior valor das declarações que fez depois a respeito na Câmara dos Deputados. Chegou à Província com recomendação do Senador Cândido de Oliveira para Osório e logo tratou de se pôr em relações te.

eram-se bem. O mesmo, porém, não ocorreu com o pessoal da e lhe fez tenaz oposição.

azem-se em 1853 novas eleições para a Assembléia Provincial, qual a *liga* dispõe de maioria, mas os seus adversários, que não am essa circunstância, procuram compensá-la pela qualidade candidatos. Querem que Osório seja um deles. Este, porém, seu nome da lista proposta e faz circulares dizendo que não é to. Vem depois o período da expedição a Montevideu, a que

se seguiu a deportação de Osório para São Borja, *por ciúme* que seu prestígio causara no Ministro Amaral e ao Brigadeiro Francisco Felix. É então também substituído Sinimbú na Presidência da Província, primeiro pelo Vice-Presidente, Dr. Belo, depois pelo Barão de Muritiba.

Nessa oportunidade o Senador Cândido de Oliveira, em apresentando-lhe o novo Presidente, lembra-lhe que a nova lei eleitoral *abriu largo campo às candidaturas legítimas, conviria que Osório se apresentasse candidato por Bagé ou por Missões. Assegurada sua boa aceitação no Rio, para a sua candidatura.*

Que fez Osório?

Apenas agradece a idéia, não a adota, porém. Responde que o Parlamento era para os *homens formados, que era um ignorante*, em sua lugar na fronteira ou no campo de batalha.

Conhecemos os grandes serviços que Osório prestou no seu comando das Missões, onde sua influência política não demorou a tornar-se incômoda aos que lhe faziam guerra e desejavam vê-lo aniquilado. E, porém, nesse período, pelo atraço em que se encontrava a região, que Osório demonstra, por sua atividade, pelo interesse que toma e esforços que faz para obter certos melhoramentos, o qual entende que a ação política deve ser exercida em benefício geral progresso moral, intelectual e econômico do país.

Opõe-se firmemente às artimanhas e arranjos dos que vêem política apenas eleições e conquistas de posições, e promove melhoramentos reais para a sua nova zona: escolas, pontes sobre as estradas, boa justiça, etc.

Em 1856 está ainda Osório em São Borja, quando se procede a novas eleições, sob novo regime eleitoral, nas quais se trava o embate entre a *liga*, que é oposição, e os *governantes*.

Desde que se aproxima a época do pleito, Osório entra em ação e faz distribuir por seus amigos uma circular em termos dignos, convidando-os a esclarecer os leitores sobre as conveniências a atenção escolha dos candidatos para satisfazer o bem público. Não contenta em agir somente no distrito eleitoral que lhe corresponde, trata de influir também nos outros distritos por intermédio dos amigos a quem escreve. Deu-se a eleição e a *liga* foi derrotada.

É então que o Barão de Quaraim, para vingar-se, despeita na sessão de 23 de agosto de 1856, da Tribuna do Senado, ataca seus contrários de maneira desabrida e faz a Osório graves acusações de procedimento indisciplinado e abusivo, até de apropriação indevida de dinheiro do seu regimento.

Osório, longe, na Província, de nada sabe. No Rio, porém, imediatamente aparece quem afirme que desde que ele venha a ter con-

disto, provará ser digno da reputação, que geralmente tem, de
i dos mais distintos ornamentos do nosso Exército.

o Rio Grande, um amigo de Osório faz publicar no *Diário do
r grande* o discurso do Barão de Quaraim, em que o acusava e
m a Canabarro e outros, para que se visse como o espírito par-
é capaz de caluniar e porque não há de faltar quem proteste.
Barão de Pôrto Alegre remete a Osório a peça infame para que
responda como entende que a dignidade dele exige, ou, se qui-
e a resposta seja feita na Capital da Província, para mandar-lhe
os, pois está pronto a fazer tudo para bem de sua honra atroc-
menoscabada.

indignação contra o homem funesto, o tigre do Rio Pardo, no
do Deputado Jacinto de Mendonça, que foi o primeiro, no Rio
a protestar contra a iniâmia do homem que não pode tragar
incio, o não querer Osório ser dos seus sequazes, é grande entre
gos dêste. Vários lhe escrevem.

esde, porém, que teve conhecimento desses fatos, não demorou
em responder aos ataques inqualificáveis de Pedro Chaves,
Barão de Quaraim, e Senador, com preterição de Marques de
apezar das glórias de Caseros, e de Oliveira Belo, apezar de
m caráter, inteligência, e ótimos serviços à sua Província!

m sua resposta, começa Osório afirmando que, se o que disse
Chaves tivesse de ser sómente divulgado no Rio Grande não
ponderia, porque aí ambos são conhecidos. Depois faz o histó-
as acusações e dá-lhes as razões. Enumera-as e as rebate. Por
nta minuciosa e farta documentação que não deixa dúvida
i ao leitor mesmo atual. Mais tarde, o Dr. Fernando Osório
encontra no arquivo de seu pai outros documentos corroboran-
sua defesa que ele nem utilizara!

estes fatos mais ainda engrandecem o nome de Osório. Promovido
Brigadeiro, em 1856, recebeu felicitações do Brigadeiro Rangel,
compraz em dizer o prazer que tem em ser o primeiro a anun-
ciar essa promoção, pois fôra ele que, havia cerca de 34 anos pas-
sado, dera praça no Exército! E logo, a musa de que é afeiçoadão
ja em expressivo soneto de Francisco Pinto da Fontoura:

Embora mordaz língua, vil, danada,
e si te euspa a infâmia, embora! embora!
en nome a Pátria com brações decora,
nde mais de uma vez brandiste a espada.

Valente Osório! a fronte laureada,
essa cruz que o teu peito condecora,
ão ganhaste lá onde a intriga mora,
i nos campos de nossa Pátria amada.

"Embalde vil calúnia a tua glória
Intente denegrir, — teu grande nome
Há de aos evos legar a Pátria história.

"E além do Prata, Osório, o teu renome
Coroado foi já d'alta vitória
Com fatos que a mentira não consome".

A política, porém, que muito poucos exercem com o mesmo espirito, para os mesmos fins e usando os mesmos processos, não se deixa sossegado. Não se dá por vencida. Procura afastá-lo do caminho das competições legítimas ou neutralizá-lo, por todos os meios.

Em 1857, em outubro, Ângelo Muniz da Silva Ferraz, futuro Barão de Uruguaiana, membro do partido liberal, assume a Presidência da Província. Era quando, pelas ocorrências do Prata, se organizara o *Exército de Observação*, na região do Ibicuí, do Comandante Marechal Francisco Felix, do qual devia Osório fazer parte como Comandante da Primeira Brigada de Cavalaria.

Nessa ocasião nova intriga política o envolve e ele novamente dela se desvincilha facilmente. Todavia, não desanimam os seus amigos, que procuram insinuar-se no ânimo de Silva Ferraz. Dão-lhe a entender que Osório não irá, sem criar dificuldades, assumir o novo posto. O seu procedimento, porém, sem ter mesmo conhecimento destas cousas, vai vencendo tudo.

Não obstante, sob o pretexto de que a situação no Uruguai complica, creando para o Governo a necessidade de ter um Comandante seguro na fronteira de Jaguarão, Silva Ferraz obtém que para esse seja nomeado Osório. Recebe ele a notícia de seu novo posto quando se reunira ao Exército de Observação no Ibicuí. E com ela uma carta de Silva Ferraz, avisando-o de que amigos seus haviam rompido em oposição contra ele numa trama arranjada pela bancada riograndense na Câmara dos Deputados. Tal comunicação habilmente feita, separá-lo destes seus amigos, obtendo o seu apoio. Surpreendido por estas notícias, Osório toma uma atitude de expectativa. Fica em guarda. Responde a Silva Ferraz, sem se comprometer: "Fico aberto da oposição que V. Excia. está sofrendo e para a qual, me V. Excia. não haver motivo".

"Eu sou soldado; não faço oposição ao Governo do qual é Excia. delegado, e, por esta mesma razão, sustento a administração, sem prejuízo da liberdade de opinião dos outros e sem incuir-se em assuntos administrativos, por achar isto inconveniente à sua função militar, esclarecia ainda.

Silva Ferraz, porém, certamente esperava outra coisa. Para fortificar-se politicamente havia procurado *pôr do seu lado a grande liga, de Pedro Chaves e Barcelos*, pela qual mostra escandalosamente.

alidade, explicam a Osório, os seus amigos que romperam com o
idente; e ainda tentava constituir-se chefe de *um grupo político
ido pelos militares*.

Ora, êstes, que em política são geralmente *ingênuos*, sendo raros
que possuem a perspicácia de um Osório, facilmente se deixaram
uir pelo inteligente e labioso Silva Ferraz.

Surge, então, uma declaração de apoio a ste, feita pelos milita-
res da Província, inclusive os do Exército de Observação, cujas assi-
nas vêm encabeçadas pela do Barão de Pôrto Alegre. Todos os ge-
nais assinam. Levada a Osório para que fizesse o mesmo, êste
a-se formalmente. É o único chefe militar a ter essa atitude.

Corre célere a notícia e Silva Ferraz, a quem importava sobre-
o apoio de Osório, decepciona-se. Escreve-lhe, então, uma carta
que diz *terem lhe chegado notícias que êle é infenso à sua adminis-
tração*.

Não hesita Osório, já agora, bem informado por seus amigos
acionistas, em francamente responder-lhe. Depois de relatar sem-
pre o histórico das relações entre ambos e as decepções que as
cartas de Silva Ferraz foram causando no seu ânimo, explica porque
assinou a *declaração militar*. "Não assinei êsse papel, diz êle,
que entendi que V. Excia. estava meu desafeto, porque o Exér-
cito tivesse o direito de aprovar as qualidades de seu governo,
ou também para as reprovar, e eu não desejo ao Exército de 1858
o crédito do de 1830 e 1831, e também, porque não conhecendo
almente V. Excia., nem os seus atos governativos de então,
irrisório e descrédito para mim afirmar que V. Excia. era muito
ou mau administrador". Depois, conclui irônico: E até creio
que V. Excia. mesmo teria razão para rir-se, ao ler a minha assinatura.
Pode ser, porém, que eu esteja em êrro, mas, nesse caso, é só
de minha pouca inteligência".

Não gostou Silva Ferraz da resposta, porém, muito mais abor-
raram os outros generais... Os amigos de Osório, ao con-
trário, exultaram, e bem assim, os conservadores do Rio de Janeiro...
Isso foi um deles e também dos que viram na designação de Osó-
rio para o Comando da Fronteira de Jaguarão, uma simples manobra
que prejudicá-lo...

Mais uma vez, porém, o prestígio de Osório crescerá em vez de
decair. Para neutralizá-lo é preciso retirá-lo da Província...

Nomeiam-no Inspetor das Cavalariaias do Norte.

Osório, então, pela primeira vez, vem ao Rio, entender-se com o
governador, cujo espírito Caxias já havia preparado com as informa-
ções que lhe dera sobre a questão, e regressa premiado e mais pres-
o...

Não tinham sorte os seus adversários políticos.

De regresso à Província de novo a poesia nele se inspira e dessa vez não se contenta em revidar-lhe a fama. O vate Antônio Ribeira da Silva profetiza-lhe o futuro:

*"Nos frouxos cantos da quebrada lira
Do soldado também Osório ilustre,
Teu nome reviverá;*

*"Do povo em tradições, no pátrio berço,
No grato recordar de todo o Exército
Eterno soará".*

*"Da lisonja jamais venal turibulo
Balanga a dextra que concerta em hino
Em honra da verdade;
Heroicos feitos que tua vida exornam
Têm jús a estátuas, adorações, altares
Em nossa idade".*

CHEFE INCONTESTÁVEL

No ano de 1860, Silva Ferraz é Chefe do Governo. Osório, que até aí votava nos homens, Caxias, Belo, Pôrto Alegre, Félix da Cunha etc., por seu valor pessoal, sem muito indagar se eram conservadores ou liberais, seguindo destarte praticamente a política de conciliação que se apregoava, sentiu que era tempo de acabar com essa prática indefinida que mais servia de disfarce a ambições pessoais do que deu benefício para o país.

Pensa e inicia a organização definitiva do partido liberal do Rio Grande do Sul. Chama a si Félix da Cunha e com ele entra em ação.

Apresenta-o candidato a Deputado Geral, em contra posição ao Dr. Brusque, que era pessoa acariciada pelo Governo, sem, no entanto, mencionar essa circunstância. Limita-se a exaltar as qualidades entre seu candidato em face das conveniências da representação da Província. E vai levando sua candidatura por diante, em meio de armadilhas que lhe procuram pôr os amigos de Brusque sem se deixar enleiar, tomando, com Félix da Cunha, todas as precauções oportunas à sua intenção da vitória.

Não evitaram as cautelas por ambos tomadas que no Rio de Janeiro se viesse cedo a saber que Osório apoiava Felix da Cunha contra Brusque e dai choveram os pedidos a favor deste. O próprio Caxias escreve a Osório aconselhando-o a não hostilizar esse candidato de-lhe o *obséquio de ficar estranho à próxima luta eleitoral, por as razões que possui...* Osório, porém, não recua. Via nisto a ação do partido liberal.

Trava-se a luta, realiza-se o pleito e Brusque é derrotado por Caxias, apesar do apoio e preferência oficiais.

A atitude que Osório adota depois desta vitória, define-o bem. Agradece-lhe Felix da Cunha o ter sido eleito e por isto felicitá-lo, selha-o a que atribua o êxito aos *nossos amigos, porque não sejas se algum deles é ciumento e o ciúme é capaz de diabrumas* (22 de fevereiro de 1861).

Mas a política torna às manobras escusas... Em 2 de março, quando assumido o poder o partido conservador, Caxias é o Presidente do Conselho. Os inimigos de Osório, desconhecendo o caráter de Caxias, tentam lançar contra ele a infame denúncia de que por fraqueza lastimável, faz-se veículo o Barão de Porto Alegre, dando-o de tramar contra a Pátria. É ainda reflexo da atitude de Caxias na questão da *declaração militar* em apoio de Silva Ferraz. Não faz efeito. Caxias não lhe dá crédito. Osório, porém, tudo expõe em termos claros e precisos. Magoara-se, porém, desta vez, esconde quanto o procedimento de Marques de Souza, de quem é amigo, a cujo lado lutara na guerra farroupilha e sob cujas ordens servira de longa data e combatera em Caseros, havia ferido dolorosamente a sua sensibilidade... "... acaba-se a guerra, e logo começo os meus grandes inimigos a apregoar que sou anarquista, indinado, etc., escreve ele ao Dr. Belo, que lhe transmitira a notíciada denúncia, conforme o que lhe narrara Caxias, para que o fizesse". Depois, Osório prossegue: "O Barão de Porto Alegre foi realmente alistar-se nessa roda... Não me podia fazer ferida mais dura... se o fato não chegasse a mim por letra de V. Excia. dêle agradeço, porque a perversidade é demais".

Amalis, porém, esmoreceu. Visando sempre a constituição definitiva do *partido liberal*, ele e Felix da Cunha tratam de obter maioria na Assembleia do Rio Grande do Sul, trabalho a que se dedicarão nas eleições próximas. Não mais agora bater-se-á nas eleições por seus candidatos conservadores, como o Dr. Belo. E nessas eleições terá que bater não sómente a estes mas também a facção chefiada pelo Barão de Porto Alegre, dissidente do partido liberal, a *progressista*.

No ano de 1862, aproveitando *liberais descontentes e conservadores*, depois da queda do Ministério Caxias, Zacarias de Góis, que concelhos chefiava uma corrente política que se constituira sob a denominação — *progressista*.

Osório não aderiu a esse novo partido, no Governo, o que ia tornar árdua a nova disputa eleitoral, e tanto mais quanto ele e os demais liberais teriam de disputá-la em mais de um círculo para poder formar maioria na Assembléia Provincial. Um recurso de êxito com que contava era a judiciosa escolha dos candidatos. Por isso organiza sua chapa com desvelo, procurando valores reais. É então que aparece no cenário político a figura do fogoso tribuno Gaspar Silveira Martins que, mais tarde, turvado pelos seus sucessos tribunícios e pela posição política que adquire, a qual passou a atribuir somente ao seu valor, pretende usurpar de Osório a preponderância política na Província. Criatura, revolta-se contra o criador. Gaspar foi de fato o único erro político de Osório, erro que ele somente descobriu haver cometido no fim da vida, o que trouxe certo amargor aos seus últimos dias.

Cotegipe, o sagaz e inteligente baiano, e naturalmente também outros, assim o julga, ao que transparece da carta que escreve ao seu amigo Deschamp, provavelmente, na época em que Osório entra para o Ministério. O fato de ser Cotegipe conservador, dá singular valor as suas expressões: Diz ele: "O Herval pensa bem a respeito da política externa; assim pensasse ele sobre a interna, porque quem tem o seu nome não o estraga em questiúnculas de casa, em que sempre vem porcaria: ele que se deixe de gaspares e outros (o grifo é nosso) par

(1)

Seja como for, o fato é que os liberais foram formar a maioria da Assembléia Provincial de 1863, em que então tomou assento Silveira Martins.

Sua vitória era esplêndida. Todos viam nele o chefe incontestável do partido liberal que se mostrava forte. Não estava, porém, tinda a luta.

Realizavam-se também eleições para deputados gerais e os liberais com Osório a elas concorreram bastante fortes, com as chapas de candidatos que apresentavam nomes todos de boa significação, embora novos alguns deles.

Ainda desta vez a vitória foi completa no primeiro turno, em todos os três círculos eleitorais da Província. Mas o êxito do segundo turno foi prejudicado por grave indisciplina partidária.

É o fato que, havendo um dos candidatos, Amaro José d'Avila Silveira, declarado desistir da eleição, foi substituído pelo Barão de Mauá, no competente Círculo.

Com isso não se conformaram os amigos de Amaro e insistiram por ele. Não havendo tempo bastante para consultas, apelam para a decisão de Osório e este resolve-se a favor de Mauá. Não se conformam ainda com isto os amigos de Amaro. Dá-se o pleito, os votos se dispersam e o partido é batido...

(1) — Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro — Coleção Osório L.

360 — Doc. 17.486.

Esta derrota, porém, mais ainda veiu firmar o prestígio e sagacidade política de Osório, pois ficou provado que somente se deu pela disciplina partidária. O resultado foi exatamente o que ele predissera seus amigos ao adverti-los do erro em que incorriam.

O Barão de Mauá, a quem Osório apoiava, e que fôra eleito por também votarem governistas, a *máquina montada pelo Sr. Ferraz*, dizia Osório, e que se esforçava por destruir, mais tarde recebeu insufla de seus amigos liberais a quem abandonou.

Osório, porém, sempre generoso e compreensivo, perdoou-o. Compreendeu naturalmente, sem o aniquilar. Ficou nas represálias mínimas sem atender à grita de seus correligionários.

Em carta que escreveu a seu filho Fernando, explica sua atitude. Que disse ao Mauá, esclarece ele, é o que devia dizer. Não sou autor, nem devia inculcar-me dispondendo da opinião destes; não devia inconveniente para com os meus companheiros, nem desrespeitar deveres e direitos. Quem fala muito e sem pensar perde a matéria. O pobre Mauá é vítima das circunstâncias. O compromisso da sua alma comprometeu também sua fidelidade ao partido que o elegeu, e, o seu dinheiro e seus amigos privados operaram fortemente o triunfo do partido liberal desta Província. Pode-se abandonar mem mas não massacrá-lo. Na Corte mesmo ele andará correndo seu ato e ainda acusado pela própria consciência". (2)

Nessa ocasião, consequentemente à constatação da evidência desse erro, passam os seus adversários a procurar miná-lo constantemente com ataques feitos pela imprensa. Então, pela primeira vez, trata-se de fundar um jornal para a defesa do partido. E o faz na cidade de Jaguariaí.

Os sucessos políticos que acaba de obter deixam os homens do governo intranquilos. Para que o possam destruir, não há dúvida, é só retirá-lo da Província e éles o tentam mais uma vez. Nova denúncia de conivência com uruguaios em detrimento dos interesses nacionais é dada contra ele. Osório, como sempre, desfaz facilmente as acusações. Mas apesar disto é chamado à Corte, em objeto de serviço, outra explicação. Para que usar subterfúgios?

Novo erro de seus adversários. Osório ao deixar o Comando da Fazenda de Jaguariaí para cumprir essa ordem recebe as mais significativas manifestações. Numerosos abaixo assinados, de oficiais, da classe, de proletários, lhe são entregues, subscrevendo as mais expressivas palavras de respeito, admiração e carinho.

Mais uma vez o Imperador, informado por Caxias, anula a ação guidora e Osório volta ainda mais prestigiado e prestigioso.

2) — Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro — Coleção Osório — Lata 252 — Doc. 11.749.

Torna a recebê-lo Jaguarão com festas, banquetes e bailes e ele chega ainda a tempo de obter mais uma vitória eleitoral, nas eleições municipais, que então se realizam.

Aqui finda o que poderíamos chamar o primeiro ciclo da carreira política de Osório.

NO INTERREGNO DA GUERRA

Em 1864, sobe ao poder o Gabinete organizado e presidido pelo Senador Furtado, acentuadamente liberal. E no entanto, no Rio Grande do Sul, este partido entra em declínio. É que viera a seguir a guerra do Paraguai e Osório, em campanha, não faz política. Sofre as consequências dela, mas cumpre o seu dever, sem se importar com isto. Durante os largos cinco anos que dura esta terrível luta, ele se abstém completamente dos partidos. Não atende a nenhuma das solicitações que lhe fazem. Fica surdo a tudo que não interessa ao trabalho direto, intenso para a vitória. *Servir à Pátria, quaisquer que sejam as mãos em que tenha caído, é o seu lema.*

Ele cumpre o seu dever, que cada qual iça o mesmo. Soldado, não é juiz nem censor. Não erra porque os outros erram. Dá nessa oportunidade o exemplo mais magnífico em nossa história de uma sábia compreensão do dever patriótico.

Mas sua falta na política é tão grande como nos campos de batalha. Nos pequenos interregnos da luta, quando vem repousar ou refazer-se, logo seus partidários, ovelhas sem pastor, se acercam dele.

Em agosto de 1866, quando vem à Província refazer-se em sua saúde que a guerra do Paraguai abalara, não se pôde furtar completamente ao apelo dos seus amigos. Nessa oportunidade, em carta ao Coronel Oliveira Belo, define com segurança suas diretrizes: "Em nosso sistema de governo, nada pode influir mais maléficamente do que a má escolha dos que devem representar o País, e nem de outra coisa têm provindo as dificuldades em que se tem visto a Coroa para a organização dos últimos ministérios. Sejamos muito escrupulosos nas eleições dos futuros deputados, e faça cada um de nós o que puder para colocar na Câmara os que sejam mais dignos de representar os brios, defender os direitos e promover os interesses de nossa bela Província."

Não pôde, porém, reintegrar-se completamente nas atividades de seu partido porque a guerra, sem mesmo esperar que se restabelecesse, vai reclamá-lo de novo. Não tarda Caxias a chamá-lo para incumbi-lo de organizar e levar-lhe ao campo de batalha o 3.º Corpo de Exército.

Em 1869, vinha doente, ferido, e estava meio atônito ainda com as manifestações que lhe faziam, e que chegavam de toda parte, já a política desamparada tanto tempo corria a pedir-lhe de novo a salvação.

Logo a 15 de fevereiro escreve-lhe o Conde de Pôrto Alegre: "Era demasiado sensível a ausência de V. Excia. quando a mão arbitrária poder levava de vencida as nossas melhores esperanças. Era bem voso não vê-lo em nosso país hastear o estandarte da liberdade e ciação, em oposição aos férreos designios dos chamados conserva-ces, quando gastava os seus dias em concorrer para a liberdade de povo estranho. O país oficial arremessou-se contra a opinião pú-a — a maioria nacional que era liberal, que se manifestava clara-nte, ficou sopitada, e tudo porque as violências e ameaças postas em o puderam muito sobre a indecisão de um povo que, temeroso de turbar a ordem, não quis resistir aos meios empregados pelos com-ssores. Há, no entanto, um ponto de resistência moral, que creio pode salvar nossos brios — é o Centro Liberal e Diretórios, em os bons liberais vão depositar suas esperanças e onde a união e iotismo comum dos grupos em que outrora nos vimos divididos em achar o eco das suas aspirações e assegurar um melhor futuro o País. Eu me congratulo com os nossos amigos pela chegada de Excia."

A significação deste documento é enorme. Estão lembrados os gos de que o Conde de Pôrto Alegre havia menos de uma dezena anos, rompido com Osório. Chegara a hostilizá-lo de modo ver- eiramente inconsiderado. Agora estende-lhe a mão, propõe-lhe aliança, isto é, a reconstituição da unidade do *partido liberal* a chefia de Osório, naturalmente. E' o que se vai dar.

Não podia ser mais completa a vitória política de Osório em terra. O Conde de Porto Alegre faz esse gesto de grande nobre- como que a se penitenciar dignamente do erro em que incorrera assado. Mas sabia bem a quem se dirigia. Tinha certeza da ele- o moral da resposta.

Sem demora, replica-lhe Osório, entre os sofrimentos de sua midade: "Bem senti não compartilhar com V. Excia. da der- que sofreram os liberais do Rio Grande, na eleição que se acaba azer: porém, serei companheiro na que se seguir. Os cegos poli- que retardam a prosperidade da Pátria, tarde abrirão os olhos, que a opressão nem sempre deixa de produzir a reação do espi- Não disponho de meios intelectuais como V. Excia. e outros gatos brasileiros para com mais facilidade promover o bem da a, mas, sobra-me vontade neste sentido para fazer o que puder. V. Excia., confio nos Diretórios do partido liberal, que devem curar a união do partido e a base de sua política para todo o 1".

E ai está uma reconciliação que vale um programa cuja idéia l, o bem da Pátria, é sempre digna de ser seguida. E ai está da em toda sua grandeza a imensa força política imanente de o, lúcido, sensato, patriota, sincero, modesto, desambicioso...

Ai está também o começo de uma nova vida para o partido liberal...

Havia razões de sobra ao Conde de Porto Alegre para lastimar a cegueira política que era a atitude intolerante dos conservadores. Esse governo desconhecia o que o Brasil devia já a Osório, como o Imperador desconheceria antes o que devia a Marques de Souza, preferindo a ele o famigerado Pedro Chaves, a quem fizera ainda o Barão de Quaraim. Temia-o por certo, e tanto que, indo contra a *unânime aclamação dos povos*, que por fôda a parte berrava a glória de Osório, excluia-o da chapa senatorial. Que lhe importava os serviços que este havia prestado? Que estava prestando na guerra de onde ia regressar gravemente doente e ferido?

Também pouco lhe importava a opinião pública. De fato, as eleições procedidas em 1869 tinham sido anuladas porque faleceram o Dr. João Jacinto de Mendonça, que figurava em primeiro lugar na lista tríplice antes de ter sido feita a escolha pelo Imperador. Eravam eleições para preenchimento da vaga de Pedro Chaves, que faleceram três anos antes. Não o faria sem ter de quebrar resistências nem sem exercer inconsideradas violências, contra as quais o Conde de Porto Alegre procura reagir, reconciliando-se espontaneamente com o grande chefe liberal.

São fatos estes explicitamente narrados por João Francisco Mena Barreto, quando de Uruguaiana, cuja Guarda comandava-se saúda, em 26 de dezembro de 1869, a Osório, por seu regresso à Província: "E' triste, tristíssima a quadra por que estamos passando. Dei parte de doente e aguardo a todos os momentos a ordem para entregar o Comando da Fronteira; isto porque muito clara e positivamente respondi ao pedido que me mandou fazer o Sr. Presidente da Província (Delegado do Governo do Brasil, note-se bem) que não prestava o meu fraco concurso nas próximas eleições ao Governo, pela injustiça que praticava o mesmo Partido Conservador excluindo V. Excia. da chapa senatorial, e que em tais circunstâncias claramente preferia a minha exoneração".

Essa atitude hostil do poder, tão inconsiderada que sugere a idéia de *revolta armada*, vai servir para mais acentuar a inteireza moral de Osório, a abnegação com que cuida da coisa pátria, se se que em nada possam influir as ofensas que se lhe fazem, para modificaçâo de sua conduta política. Terminada a guerra, está maduro para explosão a revolta que conta com fortes elementos para vencer, se ele quiser chefia-la e só não se dá porque a isso não quer anuir.

No entanto, não terá tempo Osório, ainda desta vez, de atender plenamente ao chamado da política. Ferido, doente, inválido, tem de voltar aos campos de batalha. Ninguém admite que a guerra possa ganhar sem ele, tanto mais que o Duque já lá não está...

DEPOIS DA VITÓRIA

Ao regressar, porém, definitivamente da campanha, ainda fe-
e doente, e mais agora com a alma enlutada pela morte da es-
- com sua pequena fortuna particular descuidada e a educação
filhos a zelar, apezar de aspirar e precisar de longo tempo de
iso, não se poderá esquivar das lides políticas. Nem à Europa
inquerir. É o homem do campo, só aí sabe viver bem. Chamam-
Corte para festejá-lo, ele deixa-se ficar. Para que festas? Quem
lita nos louvaminheiros e nos entusiasmos das multidões? Não
talvez contra alguém que o queriam jogar? Não. Ficaria no
Repartiria seus tempo entre Pelotas, onde está sua família,
estância do Arapéi, onde está a garantia do seu futuro.

Sim, era bem esta a sua disposição. Não se conformam, porém,
isto, nem a glória que o procura por tóda a parte e em tóda
o segue, nem a política que precisa dêle.

Agora não são apenas os liberais, seus velhos correligionários,
o procuram. Os republicanos, que se organizam em partido, e
pem por natureza um dêles, talvez o mais *praticamente republicano*
entre todos, vêem nele, *embora com reservas*, o possível reali-
de suas esperanças.

Eles surgem com a força dos que desposam idéias novas. De-
volviam tal atividade que se tornaram temidos. Cotelipe, escre-
-o a Deschamp, em 27 de março de 1873, chegou a dizer: "A
pública dizem que vai sair no dia 7 de abril... por medo". (3)

Silveira Martins, que andava tentado pelas novas idéias mas
não se sentia com forças de levantar voo sozinho, várias vezes
alara na conveniência de fazer-lhe a República, desaconselhan-
porem, Osório, porque isto era ainda uma solução política
impôranea.

Os republicanos do Rio inauguraram o seu retrato na sala do seu
e o Dr. Henrique d'Avila, numa manifestação que é feita a
em Jaguarão, convida-o abertamente, em inflamado discurso,
embainhar a gloriosa espada da República.

Osório, porém, é o chefe e não comandado. Não é daqueles que
perturbam com o troar dos canhões no campo de batalha nem com
rido das ovações nos entusiasmos da paz. Nem é dos que se per-
m com a lisonja. Desaconselha a mudança política que Silveira
ins insinua, aceita sem medo de se comprometer as homenagens
republicanos do Rio, mas ao ataque direto e franco do Dr. d'Avila
nde incisivo e claro, mesmo magnífico, sem um tremor de voz,

sem vislumbrar de excitação alguma, na lógica da sua elevada compreensão do papel da política e dos políticos.

"A República ainda não é uma idéia triunfante na opinião nacional. A espada que desembainhasse agora, tentaria uma imposição. A que cinjo é para combater os inimigos dela e não para tiranizá-la."

Osório tinha respeito à opinião pública!...

Assistia razão a Martinho de Campos em admirar nele mais o político do que o militar!... Para consagrá-lo como político, à altura das maiores que houve, seria necessário mais?

Esse gesto de Osório tem significação tanto maior quanto não é a repulsa de uma sedução isolada num recanto da fronteira do Brasil. O Conde de Porto Alegre também havia sido tentado e, no seu turno, tentara seduzi-lo, pelo que a empreza torna-se à extremamente fácil para ambos, com o enorme prestígio civil e notadamente militar que desfrutavam.

De resto, Osório continuava a dizer aos que lhe falavam nestes assuntos que a *coisa havia de vir*, que ninguém se afligisse. Os hábitos, a mentalidade e as vaidadezinhas do Imperador; o trabalho dos monarquistas tornando-o antipático e desmoralizando-o; a descrença e a desconfiança do povo pela má execução das leis; os abusos sem repressão; e o ambiente americano, tornavam, na sua opinião, a república uma fatalidade. Tudo facilitava a propaganda, dizia ele, porque "as idéias são como as epidemias: alastram. A coisa há de vir e só o que desejo é que venha oportunamente".

Prossegue, pois, a trabalhar pela Pátria no ambiente político, fiel a suas idéias liberais, isto é, ao trabalho do seu partido para elevar o nível da capacidade política nacional, cujo meio vê principalmente repousar na escolha de dignos representantes do povo.

O comportamento de Osório depois da guerra do Paraguai, quando ninguém mais lhe disputa a primazia, sem um ódio, sem uma só reivindicação a fazer, quando já as pazes feitas com o Conde de Porto Alegre, este o chama em 1871 de "cidadão mais prestigioso do Brasil, e particularmente desta Província, que teve a fortuna de o ver nascer" e declara que a ele "compete principalmente dizer-nos o que a tal respeito convém fazer", dificilmente pode ser julgado em todo o seu valor.

Nessa mesma época as urnas confirmam a sua autoridade imensa e o mesmo Conde de Porto Alegre torna a escrever-lhe, "para felicita-lo pelo brilhante triunfo que acaba de obter o partido liberal da Província nas eleições, o qual não se teria conseguido se não fossem os grandes esforços empregados por V. Excia. e o grande prestígio de seu glorioso nome". (4)

(4) — Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro — Lata 264 — Documento 13.618.

Jo entanto, nessa época (31 de março de 1872), Osório escrevia
amigo Tenente Menezes: "Tenho tédio de falar em política".
Por que esse tédio num chefe que está no auge do prestígio?
Salvz nô-lo possam explicar os fatos das eleições que se deram
Província em 1872.

No dia 21 — escreve-lhe o Barão de Ijuí, a 25 de agosto, de
Uruguaiana, — achava-se desde antes de 9 horas da manhã, no corpo
de reja Matriz, grande número de cidadãos, bem como os mesários
de Uruguaiana e Barcelos, mas até 11 horas ainda não tinham comparecido
Figueiredo e os mesários Vitor e Caripuna. Convocados então
três vezes consecutivas pelos mesários presentes Benicio e
os afim de que viessem continuar os trabalhos, ou, se não queriam
declarassem e mandassem as chaves da urna, responderam que
importavam com isso, que não mandavam as chaves e que
consultado ao Exmo Sr. Presidente" Depois relata as provi-
s tomadas pelo Juiz de Paz, a recomposição da mesa, abertura
da urna, etc. etc., termina, depois de dizer que a vitória libe-
completa e que, por prevenção, é que relata tudo minuciosa-
mente: — "o Juiz Figueiredo e os mesários Vitor e Caripuna decla-
oficialmente ao Exmo. Sr. Presidente da Província de quem
é a solução".

Os fatos vão motivar processo contra o Barão de Ijuí, que mais
tará acusado até de assassinato...

Os conservadores no poder não podiam admitir derrota nas elei-
ções. Aqui está um outro exemplo:

Em Sant'Ana escreve, em 1872, a Osório, seu irmão Pedro:

O Chico Tavares conversando com o Carvalho disse-lhe que
estava preparado e bem disposto para você desta vez ir à lama,
sua de ser derrotado ainda que para isso fosse preciso empregar
tão certo que era fruta colhida. Parece-me que deu a entender
a recomendação da Corte. Isto ouviu um amigo nosso de toda
aça que estava escrevendo em uma sala imediata e me contou
de avisar".... "O Carvalho respondeu que era imprudente esse
movimento, que não deviam provocar um homem como você de
serviços e prestígio", etc.

Ele tinha razão Osório em ter tédio da política?...

Ele era ele diferente dos demais políticos não resta dúvida
dizer que não desamparava os seus amigos na desgraça. O caso
processo contra o Barão de Ijuí, acusado por crimes que não pro-
vam Uruguaiana, mas cuja responsabilidade lhe é atribuída pela
pela política, é digno de ser assinalado.

Osório o primeiro a socorrê-lo e jamais o desamparou, ajuda-
o nas despesas de sua defesa embora não tivesse fartura de re-
Foi ele quem incitou os correligionários de recursos a irem

em ajuda a do Barão. Mortificava-se tanto com o corrido que escriga-
vera em 1876 a seu filho Fernando: "Figura-te o meu desgosto vergon-
hoso de uma matilha de cães, mordendo-o desapiedadamente".

Desde seu regresso do Paraguai até 1877 permanece na sua Proví-
víncia. Não fica politicamente inativo. Não o deixam tranquilo os seu-
os amigos: "Querem — escreve de Sant'Ana à sua filha D. Manuela, o
5 de junho de 1876 — que eu vá a toda parte, mesmo doente que fui
gastar o que não tenho. De Uruguaiana gritam por mim; o Alegre
faz o mesmo; Sant'Ana está à matroca; Bagé e Jaguarão, Arroio
Grande, Pelotas, também me querem ali. Diz-me como hei de ir a todos
estar em toda parte e em toda parte dispendendo? Sem embargo faça-
o que puder e o que não puder ficará por fazer".

A questão das despesas não era desprezível para quem tem
poucos haveres. A referência anteriormente feita ao Barão de Macau
denuncia já quanto o poder despendido nas eleições era suficiente
para um grande político. Concretizemos os fatos.

Na lata 264, da Coleção Osório, do arquivo deste Instituto, se
contra-se o documento 13.710, que nos ilumina a respeito. Trata-se
de uma carta dirigida a Osório, por um cabo eleitoral, Antônio de
Joaquim Calor, prestando contas das despesas por ele feitas com
eleição de 1.º de setembro de 1877. A relação dos gastos soma
1.216\$000, e estes se fizeram com chapéus, botas, calcado, roupa
homens de recado (próprios), etc. O mais curioso é, porém, o que
tende com a compra de eleitores: 32\$000 paes à mulher da Talavera
para fazer o mesmo ir à eleição (sic), 96\$000, 100\$000, 128\$000,
até 200\$000 para compra de votos conservadores.

Nesse ano, 1877, Osório, vem ao Rio de Janeiro para assentamento
no Senado, por ter sido nomeado a 11 de janeiro Senador do Império
pela Princesa Izabel, que ocupa o trono enquanto o Imperador viaja
pelos Estados Unidos, na vaga de Fernandes Braga, que faleceu
em 2 de fevereiro de 1875. Osório figurava na lista tríplice em seg-
do lugar, em virtude da eleição procedida no ano seguinte.

NO APOGEU

Começa então a última fase da vida política de Osório, quando
deixa a sua Província, o ambiente de suas campinas do sul, onde tenta-
cera e soubera fazer avultar sua personalidade gigantesca, cuja sombra
se projetava protetoramente sobre o Brasil inteiro, alimentando torpes
corações patriotas as mais vivas esperanças, nunca mais volta, se basa-
que voltar se fizesse sua aspiração maior, quando alcado à alta
nidade de Ministro do Império. A população do Rio e das Províncias
do norte, que ele não tardará a visitar, não mais para inspecionar
valaria, mas para ver os filhos que estudam em Recife, nesse ano
1877, se alvoroçam todas num frenesi de aclamações entusiásti-

recebê-lo. Todos querem vêr o homem de quem se contam coisas extraordinárias que até parecem fantásticas. E, fato a notar, Osório no Rio, vai ao Norte, é recebido com festas nunca vistas, mas não em seus gestos, em suas atitudes, nas suas palavras, nenhum ar. Não decepcionou ninguém.

Certamente são os chefes políticos liberais que assumem a liderança dos festejos, mas é de fato o povo quem os faz. O Governo, que é conservador, o Gabinete Caxias, não comparece a recebê-lo. Procura minuir o vulto da razão de ser dos festejos na sua imprensa, mas nesses festejos os simples conservadores também se misturam no povo e não ficam ausentes...

De tanto entusiasmo, que resultará? Indagam inquietos os chefes conservadores, não obstante saberem quem é Osório, como pensa e procede.

Colégipe, em 27 de abril de 1877, escreve a Deschamp: "Amanhamos grandes festas para recebimento do herói riograndense. Sabe que os políticos são os promotores da tardia demonstração. A espada de caudilho? Veremos em que isto dá! Mediremos o quanto tão grande estatura..." (5)

O resultado, em que *isto deu*, foi o fortalecimento do partido liberal e a sua ascenção em breve ao poder.

As atividades de Osório, como Senador, foram marcadas pelo fato de que tomou pelas questões concernentes à melhoria da situação dos militares e de suas famílias, pela tenaz defesa que fez de interesses de sua província, de que ela carecia, e pela objetividade com que tratou as questões da defesa militar do País. Houve também a consciência das questões agitadas no Senado sobre a guerra do Paraguai, consequentemente aos complementos que em defesa dos bons créditos, teve que levantar.

Nessa situação, porém, agiu pouco tempo. O regresso do Imperador de sua viagem aos Estados Unidos, importou na queda do parlamentar conservador, e no tratamento ingrato que recebeu Caxias.

Em 1878, a situação política exigia como ponto capital da reforma a efetuar-se uma nova lei eleitoral que pusesse termo ao sistema dos turnos. Este provava mal. As eleições não davam à Câmaras uma verdadeira representação nacional. Os Delegados do partido no Congresso, isto é, os presidentes das províncias, eram os verdadeiros eleitos, cujas armas eram a violência e a fraude. A situação era tal que os gritavam: *reforma ou revolução!*

Não governava o partido conservador com o Gabinete chefiado por Caxias, apoiado por grande maioria das Câmaras. Caxias, porém,

sentia-se velho e doente. Desde que o Imperador regressou de sua gem aos Estados Unidos, donde veio naturalmente influenciado amais pelas ideias democráticas, pede para ser substituído, para deixar o Governo. O Imperador exige então, a saída dos outros Ministros, daí resulta a queda do partido conservador.

Chamado Sinimbú para formar o Gabinete, faz questão que dfaça parte Osório "em pleno fastigio de sua glória militar, o maior chefe liberal do Rio Grande do Sul". (6) ao qual foi dada a pasta da Guerra. Na da Fazenda ficava, ao que parece por sugestão de Osório, outro riograndense, Gaspar Silveira Martins. Não fôra esta escolha tão feliz como a primeira.

Osório vai decepcionar-se fortemente. Silveira Martins não recia a confiança que tanto nele depositara "o legendário".

Cotegipe, com sua sagacidade e não obstante seu *horror às trépadas políticas*, denuncia na carta a seu amigo Deschamp, anteriormente referida, quanto apreciava Osório e lhe repugnava a ascenção de Gaspar: "O Herval pensa bem a respeito de política exterior, de assim pensasse ele sobre a interna, porque quem tem o seu nome o estraga em questiúnculas em que sempre vem porcaria: éle se deixe de gaspares e outros..."

Cotegipe via certo.

Saraiva recebe a nomeação de Osório com seus "cordiais elogios" e primentos por sua entrada para o Ministério. É um novo serviço de de diz êle em 10 de fevereiro de 1.878 — que o País lhe pede e uma prova que V. Excia. vai dar de seu patriotismo para os negócios. S. Estou persuadido de que havemos de aplaudir o Marquês do Herval, Ministro, como aplaudimos o General de nosso Exército, no Paraguai.

De fato, no sacrifício real que fazia Osório, cuja natureza só amoldava bem à das livres campinas do sul, não deixaria Saraiva ter o que admirar no Ministro.

Nem poderia deixar de aplaudir um chefe político, um Senador e Ministro cuja norma de conduta é a lealdade, o destemor, a fidelidade, a queza, o amor à verdade, o trabalho sincero pelo bem da Pátria, a compreensão sadia dos interesses públicos. Como deixar de aplaudir o Ministro e político que sabe fazer justiça até aos seus adversários?

No Senado, Osório ousa dizer que não atribui a êste ou àquela o partido o descalabro que vai pelo Império e sim à fatalidade das nossas circunstâncias. Defende até, sem olhar a quem, o cavalo de batalha que era a responsabilização pela guerra do Paraguai, com palavras dignas de meditação. "Mais uma vez, diz êle em sessão de 15 de setembro de 1.879, Sr. Presidente, tenho ouvido acusar a um dos partidos políticos pela guerra que tivemos com o Paraguai. É uma cousa séria em que talvez não seja eu o mais habilitado para tratar dela e a

(6) — O Visconde de Sinimbú — Craveiro da Costa.

direi que é minha crença que se o Brasil não levasse a guerra, ao Paraguai, para encontrar os inimigos da Pátria fora do nossoório, a guerra ter-nos-ia custado muito maiores desgraças, porque nigo preparava-se e já tinha as suas avançadas sobre as nossas iras".

As atitudes agressivas de Silveira Martins no Parlamento, sua a financeira, sua falta de senso político, em suma, não tardaram aír uma crise no Gabinete e em provocar uma dissidência nos. Não podendo Silveira Martins governar a política do Gabinete impor suas idéias, forçá-lo a seguir suas atitudes impolíticas, e-se de súbito, e quer que Osório o siga como se ele fôra a maior alidade liberal do Rio Grande.

lás, Silveira Martins foi logo mostrando, desde sua chegada de Janeiro em 1877, quanta razão assistia a Cotelipe, na re- a citada. A bordo do mesmo, separa-se de Osório, para seguir a gente como se o que chamava sua gente fosse a força poli- e o fizera. Olvidava o que devia a Osório. Esquecia-se de que ido a insistência d'este iorá eleito, como se vê da carta que escreve ao Dr. Pio Angelo da Silva, em 9 de agosto de 1876, estância no Araipe. Para as eleições que se realizaram naque- quando Osório foi eleito para a lista tríplice de Senador e Gaspar Deputado Geral, diz aquelle ao Dr. Pio que recomendara a in- de Gaspar nas chapas liberais de Senador e Deputado, para modo algum "fique excluído da representação nacional, o que ma derrota para o partido liberal".

Sinimbú, conhecendo que o problema político que seu Gabinete resolver era a *reforma eleitoral*, cuja necessidade era reclamada veemente insistência por seu partido e a opinião geral, de muitos conservadores, trata de obtê-la, procedendo de evitar pretextos à animosidade do Senado, cuja maioria era adora. Silveira Martins, cuja situação é insustentável, pre- e disto. Quer impor outras reformas no projeto da lei elei- elaborado pelo Governo, sobre imigração, rejeitada por nada om o caso, com que ele se conforma, e sobre a elegibilidade católicos para a Câmara dos Deputados, com o que não con- imimbú e ele não se conforma. Não era Sinimbú infenso à mas adotá-la seria expor-se a ver a reforma repelida pelo risco que não quer correr.

sendo atendido, portanto, Silveira Martins demite-se. Mas e Osório o acompanhe. Este nega-se a isto. Sua saída enfra- o Gabinete e assim talvez viesse a dar com o partido liberal a.

Despeitado, Silveira Martins parte para o Rio Grande e co- tramar contra ele, a procurar minar seu prestígio, sem olhar modos. Mais tarde confessa-se arrependido.

Craveiro da Costa, em seu estudo sobre o Visconde de Sinimbu, regista assim estes fatos: "Retirado do Governo, diz ele, Silveira Martins não se limitou a uma oposição discreta ao Gabinete de que era parte. Essa discreção era, aliás, incompatível com o seu temperamento combativo e ríspido. Opondo-se às restrições governamentais, o fogoso tribuno excedeu-se na campanha, creando ao Gabinete, temerariamente guerreado pelos conservadores, uma gravíssima situação de dificuldades, pois o Ministério passou a ter contra si, além dos seus naturais adversários, os conservadores e os republicanos, alguns e permanentes. Para Silveira Martins não havia meio termo. O próprio Osório, com a sua imensa glória e a sua projeção sobre todo o Brasil, a quem Rui Barbosa considerava o *primus inter pares* do Partido Liberal, porque recusou acompanhá-lo no rompimento com o Gabinete, em junho de 1880, na Câmara, teve o seu nome exposto em inúmeras oratórias do tribuno", "comparado a Pausânias, o clássico da traição". E Alberto de Faria, em seu "Mauá" acrescenta: "Debalde se poderia objetar que dos membros do Ministério o Barão de Vila Bela fôra solidário com Silveira Martins e na mara unânime, só um Deputado, o Dr. Galdino Neves, ficou em oposição ao Ministério de que se apartava".

Os amigos de Osório instam para que rompa com ele, para o guerreie, mas o velho político quer evitar a todo custo a dissidência e passa por cima da ingratidão. O Ministério Sinimbu adota como ponto principal de seu programa a reforma eleitoral e a reconstituição financeira. Si a primeira questão não causava embarracos, o espírito compreensivo e tolerante de Osório, antítese perfeita de Silveira Martins, o mesmo não se dava com a segunda.

Além da carta política que Osório escreveu ao Barão de Parnas sobre a sua atitude no caso da dissidência de Gaspar, cujos termos mereceram daquele a mais completa aprovação, há duas outras, mais e ainda não divulgadas que mais ainda esclarecem o assunto e onde se vê a alma de Osório. São estas escritas à sua filha Manoela em 2 e em 24 de abril de 1879, abrangendo o início do término da crise.

Ei-las:

Na primeira, diz Osório: "Tenho andado muito vexado com o que se tem dado com o nosso Gaspar. As vezes me parece que o destempero daquela cabeça e que fica capaz de comprometer a minha causa e o pior é que o Florêncio e o Camargo quererão tirar vantagem pregando inverdades, já iludindo os incautos, torcendo os fatos, atirando as culpas a quem nem conselhos deu. Ora! a nossa posição de todo o Ministério, era por si difícil porque as finanças do Brasil são péssimas e entramos fazendo guerra aos esbanjamentos que em grande número forma por isso muitos inimigos, que mais se exaltam

los insultos do Gaspar, que até tratou mal à Câmara aonde ouviu terríveis. O Senado todo se tornou seu inimigo além de conservadores, todos os contrários para lá penderam. Gaspar em sítio projetou a retirada e para sair bem fingiu querer a idéia que era e é a do Ministério e do partido, porém que não émos fazer passar no Senado, onde a maioria nos é contrária a empiorar nos declarou o Gaspar na Câmara que se devia acom a vitaliciedade do Senado. O Senado com receio que a conste trouxesse esta idéia não quer votar a constituinte! Aqui está nem sem esperanças procurando motivo para a saída na reforma que vale o mesmo que excitarmos a guerra com tóda a Igreja quando o nosso país está a braços com a miséria e a fome! que é que ele queria que eu saisse como sua bagagem. Fiquei calado, os seus agentes foram para aí promover desunião que nos ser de um mau futuro para a província e o partido logo que os conservadores voltem ao poder se não antes eu não escrevi a ninguém, a primeira carta que escrevo para satisfazer a tua ansiedade. me tenho desgostado porque em (data ilegível) eu queria te e ele pediu que não saisse. Depois fiquei comprometido e minhas noras em casa doentes até hoje. A Corte nunca recebeu dois Ministros do Rio Grande e se eu também saisse a crer no que diziam tinha caído o ministério e talvez o partido pela desunião que se manifestou. Seja como for, agora ficarei muito alegre o que puder ganhar o meu Arapéi sem pena desta vida desas a que me tem sujeitado a idéia de fazer ou cooperar para algum Rio Grande que pode ser ingrato como quiser mas descansareiinha consciência como sempre. Não quero que se divulgue o que go para não dar prazer aos inimigos cujo fim é desprestigiar-me".

Na segunda, transborda o seu desgosto:

"Estou próximos aos 71 anos... Ando muito cansado da política a que não me convém questionar com os moços que querem colar; por outro lado não sei o que pensam os nossos velhos amigos no a cruzada tem o fim principal de mudança de chefe e eu não ambicioso de mando e o meu partido já não precisa de mim não tirei e não desertarei. — sou reformado por velho e por ter três s cultivando as letras!"

Talvez eu não possa ser generoso com os ingratos, porém não re ainda apesar de ter na mão os meios de pô-los de patas, porém a minha honra e a minha província, o patriotismo foram sempre aquelas o meu ídolo e este o meu guia sem exclusões de sacrifícios. Quando me recolher à Província então, resolverei.

Muito te agradaria ler esta história das desinteligências bem finadas com que o nosso amigo saltou fora do perigo em que se viu, porém fica para quando nos vejamos saberes. Depois que Martins saiu do Ministério ainda em casa dêle estivemos em combinação para serviço da Província e como ele não cá mais veio também eu não voltei. Desde que fundeamos neste pôrto da Corte já fiquei desapontado e esperando que aparecessem os nossos colegas ministros reunidos em uma lancha a vapor nos foram receber a bordo e convidar-nos para desembarcar e o Martins depois de receber os cumprimentos dos colegas deixou-nos a bordo e?.... em outras companhias dizendo-me eu vou cá com a minha gente que é onde está a minha força.

Calcula o que produziria?.... e surpresa. No decorrer dos acontecimentos cheguei a temer que o meu caro e bem caro amigo estava sofrendo de acessos mentais. Pois bem, ainda há pouco fiz Major da Guarda Nacional o irmão do Martins! O que eu desejo saber quem são meus amigos que me fazem justiça e quem se tornou meu inimigo por eu não fazer o papel de móbilis de um louco e malcriado, etc. ”

CONCLUSÃO

Não teríamos uma ideia justa do Osório político se não referissemos aqui algo de anedotário respectivo.

Diremos apenas algo que nos habilite a ver seu modo de proceder e a mesmo tempo mais nos explique a razão de sua força.

Sua simplicidade, sua franqueza, seu destemor, a ausência de artifícios e pequeninos procedimentos, ao par da viveza do espírito e do seu natural *chiste*, ai se revelam.

Conta-se que Osório costumava, em suas excursões eleitorais, hospedar-se, na cidade do Rio Grande e em Sant'Ana do Livramento, em casa de amigos e compadres que eram conservadores. Ai ditava, em voz alta suas cartas e não raro fazia o filho de um deles, seu afilhado, escrevê-las...

Indo visitar um eleitor, em Pelotas, que sabia vender seu voto, tratou de catequizá-lo. Este mostrou-se esquivo, mas Osório, dando-lhe como diferença essencial entre os ideais *conservadores* e *liberais*, pro-pugnarem estes para que se fizessem muitas eleições por ano, enquanto que os outros não queriam mais de uma, conquistou-o para os liberais...

Depois de haver organizado *uma chapa eleitoral*, sem ter consultado um chefe amigo importante, aliás personalidade muito conhecida na Monarquia e cujos descendentes tem ocupado posições de destaque na República, este estomagou-se. Decidiu e anunciou ir tomar satisfações a Osório.

Veste uma roupa de cór, que lembra uma pele de cobra, e vai à casa de Osório em Pelotas. Bate à porta e entra, formalizado e solene,

Mas, Osório, que está meio acamado, o vê e antes que diga qual cousa grita-lhe de longe:

— *Entre seu jararaca!*...

Com tal golpe desarmou o contendor. Depois, não obstante, este sua reclamação.

Osório ouve-o e pergunta-lhe:

— Está bem, quais são os teus candidatos?

O nosso amigo, estomagado, não tinha pensado nisto...

Quando os amigos de ambos o interpelaram sobre o resultado da revista, ele diz meio melancolicamente: Qual! quem pode com esse homem!... Foi logo gritando entre seu jararaca! Etc.

Administrando uma pasta sem recursos financeiros e isto numa época que as instituições militares e os armamentos no mundo inteiro iam grandes progressos, era empreza muito difícil. No entanto, com a sua viva inteligência e a sua grande atividade, vai vencendo. De empreender reformas úteis e possíveis, fazer melhoramentos de grande importância, durante o pouco tempo em que exerce o cargo, que se afastou quando se lhe extinguiu a vida.

Ao par dos serviços políticos consideráveis que prestou, mandando-se fiel à Monarquia e às idéias liberais, tombava num posto vado, em plena atividade, pugnando e mantendo a coesão de seu partido, em trabalho ativo e modesto, mas eficiente, pelo bem do Brasil. Não houve, jamais, declínio em sua carreira e isto nos faz supor que o futuro lhe assegurava talvez, por suas qualidades e pela aceitação que tinha em todos e em todo o País, a direção suprema da política nacional. Nesta direção não era a marcha dos acontecimentos?

Calógeras sintetiza a carreira política de Osório em termos cheios de verdade, na conferência que vem colecionada em *Res Nostra*:

“Tornou-se o remodelador e o chefe do partido liberal do Rio Grande do Sul; era mesmo ouvido, no Rio, pelos maiorais desse agrupamento partidário. E, entretanto, não era um homem de Estado: suas posições políticas, para as quais não sentia pendor, e antes manifestava com insistência, antipatia e dissídio, vieram-lhe como consequência da imensa popularidade e do entusiástico prestígio grangeados ao soldado”.

Não ambicionou na verdade as posições políticas de representante que as circunstâncias o fizeram aceitar. Esse homem que inúmeras vezes rejeitou os cargos que seus amigos instavam para que ocupasse, teve como maior aspiração, como Ministro, o poder deixar a sé-lo: “Me parecerá um sonho, dizia a seu amigo Paula Assunção, dia em que deixar a pasta! Indo para minha terra e olhando a esteiro do barco, ainda me parecerá que a levo a reboque”!

A modestia, a desambição, o saber e o patriotismo foram o grande segredo dos seus sucessos!...